



Discoteca municipal

O dia do paulista começa com o berro irritante de um despertador. Dez minutos depois, ele toma o ônibus da firma que corre loucamente pelas ruas para chegar na hora. Neste momento começa a guerra com o tempo. Depois, é assim: caras amarradas de quem dormiu mal, papéis que vão e que vêm, buzinas de carros gritando na rua, telefones reclamando atenção, máquinas de escrever que mais parecem metralhadoras, "brincas", injustiças, cansaço...

Hora de almoço: comida sem gosto, engolida às pressas, enquanto lê as notícias principais do jornal. Quando, finalmente, ele pensa que vai descansar alguns instantes, soa a sirena, anunciando que tudo vai recomeçar. A tarde o paulista toma novamente o ônibus e vem dormindo pelo caminho, pois o cansaço não lhe permite manter os olhos abertos. Nos seis dias da semana, as coisas acontecem da mesma maneira, com exasperante regularidade.

Entretanto, no íntimo o "paulista-máquina" é, sem dúvida, humano, com sentimentos e preferências — ocultas ou não. E possível que goste de jogar pingue-pongue, futebol. Talvez prefira ler um bom livro, dançar ou ir ao cinema. Ou, quem sabe, goste de ouvir música e não tem dinheiro para comprar discos? Neste caso, ele lembra-se de que em São Paulo existe a Discoteca mais completa da América Latina.

Perplexo, ele há de perguntar: "Discoteca?... Mas, onde arrumar tempo?". Não há razão para dilemas, pois foi pensando nos paulistas que os responsáveis pela Discoteca Municipal revolveram mantê-la aberta de segunda a sexta-feira, até às 24 horas, sempre com uma equipe que realmente entende do assunto para atender ao público da melhor maneira possível.

A Discoteca Municipal da Divisão de Expansão Cultural do Departamento Municipal de Cultura, da Secretaria de Educação e Cultura, da Prefeitura do Município de São Paulo, foi criada em 1935, durante a gestão do prefeito Fábio Prado. A iniciativa de sua fundação e o estabelecimento inicial de seu programa de trabalho devem-se a

Mário de Andrade, primeiro diretor e organizador do Departamento de Cultura.

Você a encontrará quase na esquina da rua Maria Paula com a Brigadeiro Luís Antônio, no sexto e sétimo andares do prédio de número 286. Quem entra na primeira sala do sétimo andar, logo sente uma sensação de repouso no meio das várias peças do pequeno museu de instrumentos musicais. Existem coisas muito interessantes, como, por exemplo, duas flautas e um violino chinês, este presente da China à Discoteca.

Desejando consultar algum livro sobre música, ou alguma partitura, por mais antiga que seja, basta que o interessado se dirija à sala ao lado, onde encontrará uma das mais completas bibliotecas no gênero. Obras raríssimas, dificilmente encontradas em outros lugares, lá estão, à disposição de quem quiser utilizá-las. Os originais de "A Noite no Castelo", obra imortal de Carlos Gomes, representada em homenagem a S.M. o Imperador, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, a 4 de setembro de 1861, também se encontram nas estantes, em perfeito estado de conservação.

Você quer ouvir música? Ora, não há nenhum problema. Basta descer ao 6.º andar e tudo está resolvido. Peça música grega, romena, do Camboja, do Congo, folclórica, clássica, popular — enfim, o que preferir. Lá existe alguém especialmente para atender ao seu pedido.

Feito isto, você entra numa das seis cabinas especializadas, onde há um aviso pedindo que não se fume. E, pronto, você tem 90 minutos para ficar sozinho, deliciando-se com os grandes da música, longe dos telefones, das buzinas, do trabalho. Em suma, longe da problemática vida de São Paulo.

A Discoteca possui 30 mil discos cuidadosamente guardados numa sala: o paraíso dos grandes músicos que não repousem eternamente, pois basta que você o deseje e eles despertarão na maravilhosa força de sua obra, para alimentar a sua alma amante da boa música.

Ao fundo do sétimo andar, numa sala sóbria e mobiliada, estará d. Carmem Martins Helal, sempre pronta pa-

ra receber os visitantes e consulentes com um sorriso aberto no rosto simpático. Há 26 anos que ela é chefe da Discoteca. Conhece todos os seus problemas e ama cada objeto, cada livro, cada disco,

como se fossem pedacinhos de sua vida.

A principal finalidade da Discoteca Municipal de São Paulo é promover e auxiliar estudos sobre a música nacional, erudita, folclórica e popular. Para isto, existe uma vasta documentação acerca de nossa música. Suas fases, como o iê-iê-iê, o tropicalismo, a bossa nova, etc., estão sendo cuidadosamente registradas: quando, daqui a alguns anos, tiverem desaparecido por completo, existirá um testemunho de sua época.

Com o objetivo de concorrer para uma maior divulgação da cultura nacional, a Discoteca promove e organiza serviços que utilizam, como elemento principal, o registro sonoro. Por exemplo: serviços de folclore compreendendo gravação de discos, documentação fotográfica e cinematográfica, coleção de textos e de folhetos de literatura de cordel etc. Outro serviço prestado ao público pela Discoteca são as audições musicais incluindo concertos e cursos acompanhados de exemplificação sonora.

A Discoteca possui, ainda, um importante Arquivo da Palavra — registros sonoros de vozes de homens ilustres do País e destinados a fixar, sem distinção de credo político ou religioso, a palavra de artistas e intelectuais em geral, técnicos e homens públicos. A repartição dispõe ainda de um auditório com 120 lugares, que, além de servir a seus próprios trabalhos, é cedido gratuitamente a instituições e pessoas que dele necessitem, para atividades de difusão musical ou artística de qualquer natureza.

A Discoteca Municipal de São Paulo, cujo nome há vários anos já ultrapassou as fronteiras do nosso País, em razão do intercâmbio cultural que mantém com o mundo inteiro, já serviu de modelo para 19 discotecas nacionais e estrangeiras, inclusive a Discoteca de Rotterdam, na Holanda, e a Discoteca Pública Nacional de Mendonza, República Argentina.